

GISELDA LAPORTA NICOLELIS

# quem te viu, quem te vê

DIÁLOGO

ilustrações  
João Montanaro



editora scipione

*Quem te viu, quem te vê*  
© Giselda Laporta Nicoletis, 2015

**Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica** Mário Ghio Júnior  
**Diretoria editorial** Lidiane Vivaldini Olo  
**Gerência editorial** Paulo Nascimento Verano  
**Edição** Camila Saraiva  
**Preparação** Cláudio Fragata

### **Arte**

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.)  
e Thatiana Kalaes (assist.)

**Projeto gráfico** Rex Design

**Ilustrações** João Montanaro

### **Revisão**

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.), Célia da Silva Carvalho  
e Barbara Molnar (estag.)

### **Iconografia**

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

---

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

N55q

Nicoletis, Giselda Laporta  
*Quem te viu, quem te vê* / Giselda Laporta  
Nicoletis ; ilustração João Montanaro. - 1. ed. -  
São Paulo : Scipione, 2015.  
56 p. : il.

ISBN 978-85-262-9813-2

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Montanaro,  
João. II. Título.

15-27060

CDD: 028.5

CDU: 087.5

---

CL 739138  
CAE 557561

2019  
1ª edição  
4ª impressão  
Impressão e acabamento:



### **editora scipione**

Direitos desta edição cedidos à Editora Scipione S.A., 2015  
Avenida das Nações Unidas, 7221  
Pinheiros — São Paulo — SP — CEP 05425-902  
Tel.: 4003-3061 / atendimento@aticascipione.com.br  
www.coletivoleitor.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livretiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



*Há histórias tão verdadeiras que  
às vezes parece que são inventadas.*  
– “O livro sobre nada”, *Poesia Completa*  
Manoel de Barros

*Para os que vieram antes,  
e aqueles que virão no futuro*

# SUMÁRIO

Capítulo 1 .....	7
Capítulo 2 .....	11
Capítulo 3 .....	14
Capítulo 4 .....	16
Capítulo 5 .....	19
Capítulo 6 .....	21
Capítulo 7 .....	22
Capítulo 8 .....	24
Capítulo 9 .....	26
Capítulo 10 .....	29

Capítulo 11 ..... 33

Capítulo 12 ..... 34

Capítulo 13 ..... 34

Capítulo 14 ..... 37

Capítulo 15 ..... 39

Capítulo 16 ..... 40

Capítulo 17 ..... 44

Capítulo 18 ..... 48

Capítulo 19 ..... 51



## Capítulo 1

**M**eu nome é Miguel e vou contar para vocês a história do meu bairro. Passei minha infância e adolescência acompanhando as transformações que aconteceram ali entre as décadas de 1960 e 1980. Foi por causa dessas mudanças que ele se tornou um bairro importante de São Paulo. E falar de suas transformações é, de alguma maneira, falar das transformações ocorridas em quase toda a cidade, e também em mim mesmo.

A história começa com meu avô Ângelo, pai do meu pai. Ele era construtor. Comprava terrenos em lugares afastados do centro da cidade e depois construía várias casas e as vendia. Daí comprava outro terreno distante e fazia tudo de novo.

Um belo dia ele comprou um terreno grande, que ficava a dez quilômetros do centro da cidade, e construiu uma vila. De um lado ele fez algumas casas, que acabou vendendo, do outro, construiu a própria casa e deixou dois terrenos vagos. Então convenceu o meu pai, que também se chamava Ângelo, a construir uma casa lá.

Quando a minha mãe, Giselda, foi conhecer o lugar onde íamos morar, levou um susto! Foi a primeira vez que ela viu um botijão de gás na vida. Até aquele dia ela só tinha usado gás de

rua encanado. E, quando leu em uma tabuleta “limpador de fossa”, não se conteve e disse para o sogro:

– Barbaridade! O senhor vai nos trazer para morar no mato!

O vô respondeu:

– Calma, a cidade vai crescer na direção do aeroporto. Isso tudo ainda vai mudar...

O tal aeroporto era o de Congonhas. Ele foi inaugurado em 1936 e passou por várias reformas até se tornar um dos mais importantes do Brasil. Quando eu era menino, nos anos 1960, muitas pessoas vinham de longe só para assistir às decolagens e aos pousos dos aviões. Muitas crianças se divertiam assistindo o vaivém no céu como se estivessem em um parque de diversão.

Minha mãe voltou a se assustar quando soube que ali tinha apenas um açougue, uma padaria e uma farmácia, que ficava aberta até as seis da tarde. Ninguém podia ficar doente depois desse horário! Se precisássemos de um remédio de madrugada, o jeito era ir ao centro da cidade. A mesma coisa valia para as compras de supermercado, porque não havia nenhum na vizinhança. Nem o carteiro chegava lá. Éramos obrigados a tomar uma condução para pegar a correspondência numa agência do correio longe de casa.

Quando eu digo condução, quero dizer “bonde camarão” – um tipo de ônibus movido a energia elétrica, e que corria ligado a cabos sobre trilhos parecidos com os dos trens.

Eu ainda era menino quando minha mãe me contou que, no passado, no lugar onde hoje está esta avenida de São Paulo, ficava a taba de um grande guerreiro indígena e que, em tupi, Ibirapuera significa “mato alto”. Dá para acreditar? Agora, o que antes era mato virou asfalto e cimento. Mas muitas ruas do bairro